



**SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*.
Oxford: Oxford University Press, 2001, 298p.**

Johnni Langer¹

A partir da década de 1960 diversos estudos acadêmicos trataram de reabilitar o papel dos Vikings na história européia. Dentre estes estudos, as obras *The Age of the Vikings* e *Kings and Vikings*, de Peter Sawyer, determinaram novas perspectivas metodológicas, demonstrando que os guerreiros escandinavos não eram “bárbaros demoníacos, violentos e fanáticos”, mas sim detentores de uma sofisticada cultura. Esse referencial é retomado com uma nova obra, *The Oxford Illustrated History of the Vikings*, uma coletânea apresentando diversas contribuições temáticas, editada por Peter Sawyer, professor de História Medieval da Universidade de Leeds.

Logo no início da apresentação da obra, Sawyer deixa bem claro a diretriz geral da pesquisa, onde percebemos que as representações sobre os Vikings - como diversos outros temas - estiveram relacionados com interpretações ideológicas ao longo da História. Ao se estudar os nórdicos, reavalia-se toda uma historiografia sobre Idade Média bem como a formação do ocidente moderno. No primeiro capítulo, “The Age of the Vikings, and Before”, Sawyer discute uma das espinhas dorsais dos estudos escandinavos: determinar as causas da expansão nórdica durante os séculos 9 e 10 depois de Cristo. Uma das teorias mais aceitas, a de um grande aumento populacional, que teria forçado muitos grupos a procurarem alternativas econômicas e sociais, é contestada parcialmente por Sawyer. Para ele, em muitas regiões da Escandinávia não teria existido esse grande aumento, tendo as comunidades baixas densidades populacionais. A emigração teria sido causada a princípio, pela atração da prosperidade européia. Assim, o fator chave para o historiador britânico teria sido a pirataria atrelada à expansão comercial do noroeste europeu. Esta última, aliás, teve início bem antes da primeira incursão de

¹ Universidade do Contestado – SC.

saque documentada dos Vikings (793 d.C.). Com isso, o caminho para a expansão nórdica teria sido estruturado pelo desenvolvimento das rotas comerciais do Báltico com o Leste/Norte Europeu.

Sawyer também escreveu o capítulo de desfecho da obra, “The Viking Legacy”, onde examina as interferências culturais, políticas, econômicas e sociais da Era Viking nos países europeus medievais. A primeira questão tratada pelo autor é referente à metodologia de análise das fontes literárias, onde percebemos a necessidade de uma “filtragem” do olhar cristão, que sempre percebeu os nórdicos como agentes do caos e do fim do mundo. Mais do que simplesmente esvaziar os cofres e tesouros cristãos, os ataques Vikings ocasionaram a reorganização tanto de uma política de administração da Igreja, quanto do deslocamento de comunidades e paróquias, principalmente na Inglaterra. As mudanças no cenário político de diversos países foi imensa, colaborando para a criação de novas bases para a autoridade e unidade dos reinos, reflexo direto da oposição aos invasores. Outro nível de influência nórdica se fez refletir com as colonizações permanentes, interferindo tanto na estrutura cultural dos povos já estabelecidos (a nível lingüístico e nos costumes locais), quanto a nível econômico, alterando e criando novas rotas comerciais, e também acrescentando novos produtos para distribuição.

O capítulo mais importante da obra é “The Vikings in History and Legend”, pois seu interesse vai além do medievalismo, sendo um importante estudo para os especialistas em outras temáticas como Europa Moderna, Oitocentos e até mesmo o nazismo e os nacionalismos do século 20. O autor do capítulo é Lars Lönnroth, professor de línguas escandinavas da universidade de Gothenburg. Primeiramente, Lönnroth faz uma análise metodológica do estudo das fontes islandesas do século 11 ao 14, tanto das Sagas quanto dos chamados poemas eskáldicos. Nesse instante, ocorre a discussão de uma das maiores problemáticas da historiografia nórdica: até que ponto esse material literário, baseado na tradição oral, contém elementos históricos? Além de material anônimo, Lönnroth examina também as obras dos mais importantes autores escandinavos medievais, Snorri Sturluson e Saxo Grammaticus. Os principais motivos literários nesses escritores foram a jornada heróica, o carisma e a sorte individual, a habilidade náutica, a negação dos deuses pagãos, o destino fatal nas batalhas. Um momento muito interessante é a análise de Lönnroth para a questão da construção de identidade dos heróis Vikings nas Sagas. O protótipo do nórdico é exemplificado no famoso islandês Egill Skala-Grímsson: foi poeta, guerreiro, comerciante, fazendeiro. Um herói trágico e eventualmente também vilão, uma ambivalência típica dos Vikings.

A partir da invenção da imprensa diversos livros são publicados resgatando o passado da Escandinávia, iniciando a construção de historiografias patrióticas

e consolidando a identidade de cada região nórdica. Em uma delas (*Atlantica*, 1679, de Olof Rudbeck), percebemos o mito platônico utilizado para identificar na Suécia Viking a origem das civilizações européias. Mas é durante o início do Oitocentos que centenas de romances, obras acadêmicas e traduções das antigas Sagas trataram de revalorizar os feitos dos antigos guerreiros. Todo esse despertar romântico atendia diretamente aos interesses nacionalistas, não apenas dos três países escandinavos, como também de nações em formação como a Alemanha. Assim, a literatura e a arte fundiram-se em uma interpretação política da História, todas refletindo as antigas glórias dos nórdicos. Mas para Lars Lönnroth, o momento mais importante do resgate artístico dos antigos guerreiros germânicos é com a ópera *O anel dos Nibelungos*, de Richard Wagner (1852-1874). A ópera como sacração da glória nacional, simbolizada pela mitologia nórdica. E também pela ópera é que foram popularizados todos os estereótipos modernos sobre os Vikings.

O desfecho do trabalho de Lönnroth trata das modernas atitudes em relação aos guerreiros nórdicos, que serviram como modelo para os interesses racistas, filosóficos e imperialistas das nações modernas, entre elas a Alemanha nazista. Diversas cerimônias religiosas de caráter popular promovidas pelos ideólogos nazistas, como a *Dingspiel*, foram inspiradas diretamente nas Sagas nórdicas. Muitos dos famigerados símbolos do partido, como a conhecida suástica e a dupla SS, foram copiadas da escrita rúnica. Regimentos de soldados alemães receberam denominações Vikings, especialmente no front russo. Para Lönnroth, os Vikings nunca irão deixar de fascinar o homem moderno, seja com os quadrinhos de Hagar ou os valores idealizados dos heroísmos nacionalistas.

Outro importante trabalho incluído na obra é “Religions Old and New”, do professor Preuben Meulengracht Sørensen, da Universidade de Oslo. Com muita perspicácia, Sørensen concentra-se numa das temáticas mais importantes nos atuais estudos de religião na Europa: a passagem do paganismo para o cristianismo, no caso, enfocando a região Escandinava e tendo como principais fontes os livros escritos por Adam de Bremen durante o século 11. Sørensen tem um novo referencial para discutir a temática, não ficando limitado apenas à questão do enfoque cristão nos documentos, mas procurando determinar as disputas internas no cristianismo pelas novas terras convertidas.

Em vez da tradicional imagem do paganismo sendo totalmente eliminado do mundo nórdico, o autor nos apresenta uma visão de convivência pacífica entre as duas formas de religião. E antes de desaparecer, os adeptos dos deuses Vikings podem ter adotado elementos cristãos em seus cultos. Para evidenciar essa hipótese, Sørensen utiliza outras fontes como complemento

aos livros de Bremen, como vestígios arqueológicos e documentos epigráficos. Para explicar o triunfo do cristianismo, o historiador norueguês inicialmente estabelece as principais diferenças entre as duas religiões. Enquanto o paganismo não era uma instituição centralizada, sem hierarquia nem sacerdócio definido, sem larga difusão de templos especializados, o cristianismo contava com a vantagem de uma organização regular. Nas comunidades nórdicas, os cultos públicos eram realizados basicamente pelos chefes e líderes nas próprias fazendas. As mulheres tinham espaço fundamental em ritos mágicos na esfera privada. O segundo aspecto que possibilitou o triunfo cristão foi o papel da escrita, sendo o livro a principal ferramenta ideológica da Igreja. Apesar de existir escrita no mundo pagão (as runas), ela era acessível à poucas pessoas e tinha um papel muito limitado na esfera religiosa.

O aspecto mais original da pesquisa de Sørensen é compreender a cristianização dentro das transformações do mundo nórdico: as mudanças religiosas só se realizaram porque aconteceram inovações na estrutura política (a centralização do poder monárquico) e educacional (por meio da difusão de professores e livros). Assim, a nova religião veio de encontro com os interesses ideológicos de uma nova sociedade, de um novo estilo de vida, de consciência e de História. A nova fé legitimando a centralização do poder político em uma sociedade totalmente modificada.

Diversos outros trabalhos complementam a compreensão do mundo Viking. No capítulo “Ships and Seamanship”, o arqueólogo Jan Bill examina o papel da navegação no processo de desenvolvimento econômico e social dos escandinavos, além de conceder elementos preciosos para entender o navio como peça fundamental no estilo de vida das comunidades habitantes do norte europeu. A medievalista Janet Nelson analisa o impacto sócio-político das invasões nórdicas no capítulo “The Frankish empire”, enquanto o historiador Donnchadh Ó Corráin investiga o processo de colonização escandinava em “Ireland, Wales, Man, and the Hebrides”.

A obra editada por Peter Sawyer se revela um valioso meio de atualização para os medievalistas, apresentando as mais recentes discussões sobre o papel que os Vikings tiveram no Ocidente, além de ser uma obra também interessante para os historiadores em geral. Estamos distantes da época em que os nórdicos eram conhecidos apenas como bárbaros selvagens, do mesmo modo que deixaram de ser vistos como guerreiros gloriosos e invencíveis. A historiografia moderna também é um reflexo da busca por uma metodologia interdisciplinar, que no caso tenta recuperar a verdadeira sociedade dos Vikings, algo que pode ser vislumbrado nessa obra.